



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **167**
JULHO
AGOSTO 2015



Olhos nos olhos

O Retrato na Coleção do CAM

4

Jazz em Agosto 2015

Nas palavras de Mats Gustafsson, o Jazz em Agosto é “um dos festivais mais surpreendentes e criativos no que toca à sua programação, oferecendo aos músicos e artistas o melhor contexto possível para trabalhar”. Em entrevista, o saxofonista sueco fala da música e do projeto com que abre o festival deste ano. De **31 de julho a 9 de agosto** não vão faltar motivos para passar pelo Anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian.



Orchestre National de Jazz de França © Denis Rouvre

7

Dia Calouste Gulbenkian

No dia **20 de julho** evocam-se os 60 anos da morte de Calouste Sarkis Gulbenkian e também o 59.º aniversário de criação da Fundação Gulbenkian. A partir das 14h, o acesso aos museus e exposições será livre, bem como às atividades que vão ocorrer no final da tarde deste dia – inauguração da exposição *Olhos nos Olhos*, a cerimónia de entrega do Prémio Calouste Gulbenkian e um concerto da Orquestra Gulbenkian.



PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN

10

Festival Aldeias Artísticas

Em junho, a arte urbana invadiu várias aldeias ao redor de Castelo Branco. Este foi um dos eventos criados pelo projeto Há Festa no Campo, que quer mostrar o potencial dos locais onde atua como janelas de oportunidade para vidas mais felizes, saudáveis e sustentáveis. O projeto recebeu financiamento da Fundação Gulbenkian através do PARTIS – Práticas Artísticas para a Integração Social.



SMILE trabalha em TiAugusta vs Ratatui © Afonso Cabral

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 167.JULHO.AGOSTO.2015 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga

IMAGEM DA CAPA Abel Manta, *Auto-Retrato*, 1933 © Coleção CAM

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | **TRAGEM** 9 000 exemplares

Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Pedro Cabrita Reis, *Os cegos de Praga XII*, 1998

25

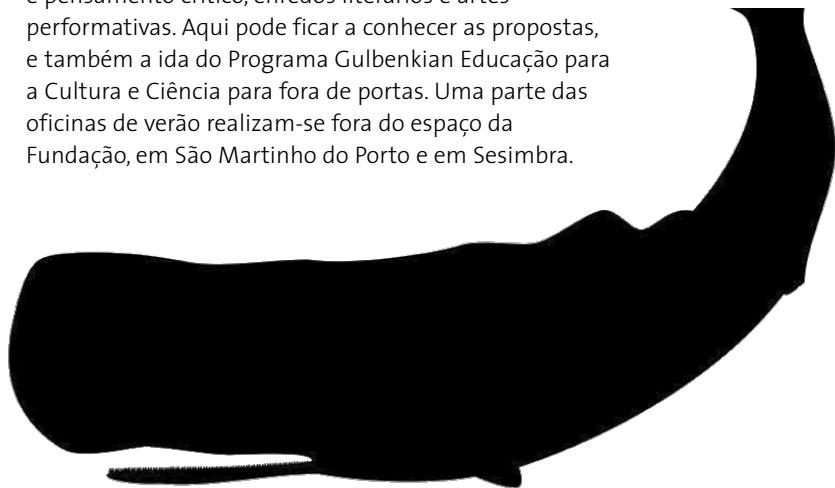
Novas exposições

Em julho são inauguradas três novas exposições no Edifício Sede e na Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian. A 9 de julho abre ao público **Lourdes Castro. Todos os livros**, uma exposição que revela a beleza dos seus livros de artista, com curadoria de Paulo Pires do Vale. A 15 de julho, oportunidade para (re)descobrir o pintor e aguarelista português **António Cruz**, em colaboração com a Cooperativa Árvore. A partir de 22 de julho, a Galeria principal do Edifício Sede apresenta **Olhos nos Olhos**, uma aliciante viagem pelo universo do retrato ao longo do século XX e XXI.

30

Oficinas de verão

Julho e agosto são meses de oficinas de verão para os mais novos no Descobrir. Este ano, as atividades integram artes plásticas, filosofia, vídeo, movimento e pensamento crítico, enredos literários e artes performativas. Aqui pode ficar a conhecer as propostas, e também a ida do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência para fora de portas. Uma parte das oficinas de verão realizam-se fora do espaço da Fundação, em São Martinho do Porto e em Sesimbra.



31

Desafios Atuais do Brasil

Fernando Henrique Cardoso, o antigo Presidente do Brasil, vem à Fundação Gulbenkian falar dos desafios que o seu país enfrenta atualmente. A conferência realiza-se no dia **9 de julho**, às 18h30 no Auditório 2, e tem entrada livre, sujeita à disponibilidade de lugares.

índice

primeiro plano

4 **Jazz em Agosto 2015**

notícias

7 **Dia Calouste Gulbenkian**

8 **Isto é PARTIS**

10 **Festival aldeias artísticas**

12 **Ideias vencedoras**

13 **Portugal reforça 2.º lugar no ranking da integração**

14 **Financiamento para a Inovação Social em Portugal**

15 **Juntos pela educação com novas tecnologias**

16 **Estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP**

16 **Concurso de Investigação para o Desenvolvimento**

17 **A ciência no NOS Alive'15**

17 **Pode a evolução ser previsível?**

18 **Investigador IGC coordena projeto europeu**

18 **Cursos científicos no IGC**

19 **Conservação das espécies depende da estrutura familiar**

19 **Palestras públicas na Fundação Gulbenkian**

20 breves

bolseiros gulbenkian

22 **Tânia Martuscelli em julho/agosto**

exposições

25 **Lourdes Castro. Todos os livros**

26 **Olhos nos Olhos**

28 **António Cruz**

29 **Unplace**

atividades educativas

30 **Oficinas de verão**

conferências

31 **Fernando Henrique Cardoso**

32 novas edições

33 **Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

34 **João Abel Manta**



Fire! Orchestra © Micke Keysendal

A 32.ª edição do Jazz em Agosto vai apresentar oito concertos no Anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian, entre 31 de julho e 9 de agosto. Para Mats Gustafsson, que abrirá o certame com a sua Fire! Orchestra, a música ainda é uma bela e criativa viagem. Presença assídua no Jazz em Agosto, o saxofonista sueco defende a música que não se verga à indústria do entretenimento. Nesta edição, os portugueses Red Trio vão também mostrar como se desenvolveu o grupo desde que se apresentou no festival em 2010.

Este ano, estarão em evidência grandes formações orquestrais como a **Fire! Orchestra**, liderada por **Mats Gustafsson**, que reúne duas dezenas de músicos suecos de várias filiações estéticas (31 jul, 21h30); a **Jazz Composer's Update** de Michael Mantler que, com a **Orquestra Jazz de Matosinhos** (1 ago, 21h30), revisita o histórico álbum da Jazz Composer's Orchestra; e ainda a **Orchestre National de Jazz** de França dirigida por **Olivier Benoît** (9 ago, 21h30), que prossegue o seu projeto dedicado aos sons da Europa, apresentando um programa inspirado na cidade de Berlim.

A cidade alemã voltará a estar em foco nesta edição do festival com a projeção do filme *Berlim: Sinfonia de uma Capital*, realizado pelo alemão Walter Ruttmann, com música improvisada ao vivo pelo **trio Lok 03**, uma formação composta pelos pianistas **Alexander von Schlippenbach** e **Aki Takase** e o DJ **Illvibe** (6 ago, 21h30). Neste concerto, música e cinema entram num alicianante e sugestivo diálogo, com a música a inspirar-se na revolucionária técnica de montagem do filme, realizado em 1927.

O Jazz em Agosto 2015 celebra também o 50.º aniversário da AACM – Association for the Advancement of Creative Musicians – de Chicago, apresentando dois dos seus músicos emblemáticos, **Henry Threadgill** e **Wadada Leo Smith** (8 ago, 21h30). Compõem ainda o cartaz o sexteto **The Young Mothers**, liderado pelo norueguês **Ingebrigt Haker Flaten** (7 ago, 21h30), e a banda portuguesa **Red Trio**, que volta a encontrar-se com o saxofonista inglês **John Butcher** (5 ago, 21h30).

Uma das presenças em destaque desta edição do Jazz em Agosto, é **Mats Gustafsson**, que, para além do concerto de abertura, vai apresentar o seu novo quinteto, criado com **Per Åke Holmlander** (2 ago, 21h30).

Falámos com o saxofonista sueco, figura emblemática do jazz europeu e presença assídua no Jazz em Agosto desde há uma década e meia. **Mats Gustafsson** fala da sua relação especial com este festival, da sua aversão a toda a música rotulada de comercial e da paixão por uma música livre e inspiradora que liberte as pessoas da indústria de entretenimento e, nas suas palavras, da estupidez a ela associada.

"A MÚSICA É UMA BELA E CRIATIVA VIAGEM"

DESDE O ANO 2000 QUE É UMA PRESENÇA REGULAR NO JAZZ EM AGOSTO. QUE SIGNIFICADO TEM PARA SI ESSE FACTO?

O que posso dizer? O Jazz em Agosto é um dos festivais mais surpreendentes e criativos no que toca à sua programação, oferecendo aos músicos e artistas o melhor contexto possível para trabalhar. Bem, para um sueco nascido na fronteira com a Lapónia, o clima é um pouco quente demais... mas de resto pouco mais há a apontar. Como acontecimento cultural, o festival é provavelmente o mais importante palco e a plataforma mais inspiradora para desenvolver a nossa música. Mais importante mesmo do que os clubes, porque aqui há novos encontros, novas inspirações e música nova por todo o lado. Isso diz-me muito, assim como aos meus colegas. É uma pura alegria estar ligado à história do Jazz em Agosto e mal posso esperar pelas edições futuras.

A MÚSICA DE JAZZ É HOJE UMA INDÚSTRIA. COMO SE SITUA FACE A ESSA REALIDADE?

Tento evitar a indústria. Trata-se de uma palavra com demasiados aspetos negativos. Indústria para mim significa que tudo está a venda... e não está. Que tudo pode ser avaliado em termos económicos. Não concordo. Eu cresci com o *punk rock* e 100 por cento DIY (*do it yourself*). Continuo a tentar trabalhar de acordo com essas linhas. Carreira, indústria e entretenimento são palavras estranhas ao meu mundo, que me fazem vomitar. A chamada indústria é parte do mundo em que vivemos, sem dúvida. A quantidade de coisas estúpidas continua a aumentar... e eu tento através da minha dedicação, envolvimento e música



Matts Gustafsson © D.R.

lutar contra essa estupidez. Uma música livre pode fazer as pessoas começarem a pensar livremente e a agir também livremente. Isto pode ser uma forma *naïve* de pensar, sim. Mas eu tento viver e agir de acordo com isso. Se festivais como este se realizassem de um modo mais frequente, não precisaríamos da indústria. A arte criativa e a música deveriam inspirar e questionar o mundo e não ser um meio de entretenimento.

MUITAS VEZES, A MÚSICA TOCADA É APRECIADA PELO PÚBLICO E CRITICADA PELOS JORNALISTAS. O QUE SENTE EM RELAÇÃO A ESTA QUESTÃO DOS PÚBLICOS E DO PENDOR CRÍTICO DOMINANTE?

Ah, ah... poderia escrever um livro sobre esse assunto, mas provavelmente teria más críticas... da imprensa. Qualquer que seja "a tua praia"... as pessoas fazem o que fazem, os ouvintes fazem o que fazem, os críticos fazem o que fazem. As pessoas devem ser livres de ouvir e de pensar como querem. A imprensa tem, por vezes, agendas estranhas e muita porcaria, nada disso merece respeito. Apesar disso, a maioria das críticas são sérias e feitas com dedicação. Tanto o público como os críticos devem permanecer abertos e dei-

xar a música transportá-los para novos lugares, novas direções e novas perspectivas. O facto de não partilhar o gosto musical e as preferências de Philip Clark da revista *Wire* ou de Dan Backman do *Svenska Dagbladet* (jornal diário sueco) não surpreende, são apenas opiniões diferentes sobre o que a música é e pode vir a ser. Qualquer que seja “a tua praia”... Mas é chato quando os críticos não fazem bom uso da linguagem, quando a escrita é má ou simplesmente feita em cima do joelho, sem profundidade. Mas novamente, qualquer que seja “a tua praia...” Nós fazemos música para o instante, para o agora. Para os ouvidos que nos ouvem quando tocamos. Não estamos aqui para entreter. Nadamos rio acima à descoberta das coisas, numa bela e criativa viagem. É pegar ou largar. Qualquer que seja “a tua praia”...



RED Trio © Nuno Martins

“O RED TRIO AINDA TEM MUITO PARA DAR”

Um dos membros da formação portuguesa Red Trio, Hernani Faustino, fala da crescente projeção internacional do grupo, desde que participou no Jazz em Agosto há cinco anos.

O RED TRIO APRESENTOU-SE NO JAZZ EM AGOSTO 2010. DESDE ENTÃO, COMO SE TEM DADO O DESENVOLVIMENTO E O RECONHECIMENTO DO GRUPO?

Antes de tudo, acho que a forma como temos vindo a desenvolver o nosso trabalho tem sempre sido no sentido de cuidar mais da criação musical, da produção discográfica e, claro, passar tudo isto para a realidade dos concertos. Desde o nosso concerto no Jazz em Agosto, em 2010, temos tocado nas mais diversas situações em vários países da Europa. Este contacto com outros públicos, músicos e culturas ajudou-nos a cimentar o som do grupo. Por outro lado, o facto de termos apostado em tocar fora do país, alargou o nosso público. Quando tocámos no Jazz em Agosto, tínhamos acabado de lançar o nosso primeiro disco. Entretanto, já editámos seis em várias editoras europeias e norte-americanas. A receção da crítica aos discos tem sido muito positiva. Os factos que mais se destacaram depois da nossa atuação em 2010 foi a excelente receptividade por parte da crítica internacional presente e também a divulgação do próprio Festival que ajudou a [passar a palavra] do RED trio.

COMO DESCREVERIAM AS VOSSAS OPÇÕES ESTÉTICAS?

São o resultado de três personalidades que têm ideias e opiniões diferentes sobre o jazz. A nossa matéria-prima e base de trabalho tem referências no *free jazz*, na música contemporânea e, claro, na música improvisada.

NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS O RED TRIO TEM-SE RENOVADO NAS SUAS EXTENSÕES COM MÚSICOS CONVIDADOS. COMO ENCARAM A VOSSA CONTINUIDADE COMO GRUPO?

O grupo começou nos finais de 2007 e teve o primeiro concerto em janeiro de 2008, portanto já estamos juntos há oito anos. Penso que musicalmente o RED trio tem ainda muito para dar. As extensões com músicos convidados foram sempre no sentido de levar a nossa música para diferentes territórios e também no sentido de abraçar o desafio enorme que é poder tocar com outros músicos.

No entanto, estamos conscientes de que tudo tem um fim, mas não estamos preocupados com isso. Os músicos do RED trio têm vindo a desenvolver trabalho com outros músicos e grupos e penso que, enquanto existir interesse e vontade em tocarmos juntos, o trio continuará. ■

Programa em www.musica.gulbenkian.pt



Calouste Sarkis Gulbenkian

20 de julho

Dia Calouste Gulbenkian

No ano em que se assinalam 60 anos da morte de Calouste Sarkis Gulbenkian, em Lisboa, o dia 20 de julho de 2015 será celebrado na Fundação como Dia Calouste Gulbenkian. Os Museus terão entrada livre entre as 14h e as 18h, e neste dia será inaugurada, às 18h, uma nova exposição na Galeria de Exposições Temporárias do Edifício Sede: *Olhos nos Olhos* (ver texto pág. 26).

A partir das 19h, realiza-se no Anfiteatro ao ar livre a cerimónia de entrega do Prémio Calouste Gulbenkian 2015, seguindo-se um concerto da Orquestra Gulbenkian, também de entrada livre, no Jardim.

PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN 2015

Na sua quarta edição, o Prémio Calouste Gulbenkian distingue pessoas ou instituições, nacionais ou internacionais, que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana. Criado em 2012, o Prémio Calouste Gulbenkian substituiu os cinco prémios Gulbenkian, atribuídos entre 2007 e 2011, nas áreas dos Direitos Humanos e Ambiente, da Arte, Ciência, Beneficência e Educação.

O vencedor do prémio, no valor de 250 mil euros, sairá de um conjunto de 71 candidaturas recebidas, 60 das quais elegíveis, correspondendo mais de metade dos nomeados a organizações ou pessoas coletivas e cerca de 30 a personalidades eminentes. Cerca de dois terços das candidaturas

posicionam-se na área da cultura da paz e um terço é relativo ao ambiente.

Em 2014, o júri presidido por Jorge Sampaio atribuiu o Prémio Calouste Gulbenkian à Comunidade de Santo Egídio, movimento católico fundado em 1968 por Andrea Riccardi. Muitas vezes designada como a “pequena ONU do Trastevere”, bairro romano onde se situa a sua sede, a Comunidade de Santo Egídio é uma organização não governamental que agrega atualmente, em mais de 70 países do mundo, cerca de 60 mil leigos que se dedicam a promover o diálogo ecuménico e a apoiar, a título voluntário, pessoas sem abrigo, idosos, crianças, presidiários (especialmente condenados à morte), deficientes, vítimas de guerras e imigrantes. Em 1992, a Comunidade de Santo Egídio teve uma contribuição decisiva para o tratado de paz que acabou com a guerra civil em Moçambique.

Em 2013, foi premiada a Biblioteca de Alexandria, um dos mais prestigiados centros de conhecimento a nível mundial que completava então uma década de existência, e também o seu diretor Ismail Serageldin. Na primeira edição, em 2012, foi premiada a West-Eastern Divan Orchestra, criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim e que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes. A West-Eastern Divan Orchestra pretende sobretudo ajudar a ultrapassar as barreiras e os conflitos históricos entre israelitas e palestinianos, fomentando o gosto pela música. ■



Isto é PARTIS

Ibisco – DE © Márcia Lessa

Durante dois dias, vários espaços da Fundação Calouste Gulbenkian vão abrir as portas a projetos de arte que têm como grande objetivo promover a inclusão social. Todos estão ligados ao projeto PARTIS (Práticas artísticas para a inclusão social), que o Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano tem dirigido desde 2013. Nos dias 10 e 11 de julho haverá circo, fotografia, teatro e música, com intervenientes bem diferentes daqueles que costumam atuar na fundação.

Pelo seu poder único de unir as pessoas, a arte pode ser um motor de inclusão e mudança social. É isto que o PARTIS procura tornar realidade, tendo sido desenhado para apoiar projetos que utilizem as práticas artísticas – música, fotografia, vídeo, teatro, dança e circo – como ferramentas que criam pontes entre comunidades que habitualmente não se cruzam. Por isso, depois de, em 2013, ter selecionado 17 projetos de entre as mais de 200 candidaturas recebidas, o Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano dá agora a possibilidade a alguns destes projetos de mostrarem o seu trabalho ao público da Fundação.

No dia **10 de julho**, a Sala Polivalente do CAM recebe um espetáculo do **Teatro Ibisco**, um projeto que tem atuado nos bairros da Quinta da Fonte e Quinta do Mocho, onde, graças ao teatro, mostra como mudar atitudes, mas também como olhar para o futuro com otimismo, a partir das experiências dos próprios participantes. O departamento educativo do teatro, apoiado pelo Partis, tem trabalhado com os mais novos destes bairros “difíceis” e são eles que vão subir ao palco da Sala Polivalente, às 21h. A seguir, no Anfiteatro ao ar livre, é exibido um documentário sobre o **Há Festa no Campo** (ver pág. 10), projeto que

tem vindo a dinamizar as aldeias de Castelo Branco através da arte, levando artistas urbanos como Vhils, Uivo ou Manoel Jack, a criar murais a partir de histórias partilhadas entre eles e os habitantes das aldeias. Esta é apenas uma das vertentes de um projeto que quer mostrar o potencial dos locais onde atua como janelas de oportunidade para vidas mais felizes, saudáveis e sustentáveis.

No dia 11, o Jardim Gulbenkian vai ser invadido pelas artes circenses do projeto **Mala Mágica**, da responsabilidade do Chapitô. Com o apoio Partis, a Mala Mágica trabalha com jovens que cumprem medidas tutelares educativas de internamento em Centros Educativos, onde realizam oficinas que promovem competências técnicas, artísticas, expressivas e comunicacionais através do circo.

O resto do dia é dedicado à **Orquestra Geração**, primeiro com um concerto às 19h, pela primeira vez no Grande Auditório, e mais tarde às 22h30 com um documentário sobre o projeto, a ser exibido no Anfiteatro ao ar livre. Já mais habituado aos palcos da Fundação Calouste



Mala Mágica



Este Espaço que Habito

Gulbenkian, este projeto desenvolve orquestras infantis e juvenis em escolas dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos, inspirado no *Sistema de Orquestras Infantis e Juvenis de Venezuela*. Com vários núcleos espalhados pelo país (o PARTIS apoia o núcleo do Centro Cultural de Amarante), o concerto apresentado nesta noite será resultado do estágio de verão da Orquestra Geração, com direção do maestro Jesus Olivetti. Ainda, ao longo dos dois dias, no Centro de Arte Moderna vão estar expostas fotografias do **Este Espaço Que Habito – Integrar pela arte**, um projeto da Associação Movimento de Expressão Fotográfica, que incita jovens a explorar a cidade e a produzir reflexões sobre os espaços que habitam por meio de fotografias captadas por câmaras *pinhole*, construídas pelos próprios participantes.

Todos os eventos são de entrada livre, exceto o concerto da Orquestra Geração, com um preço simbólico de três euros que irá reverter para projetos artísticos de inclusão social. ■

Novas candidaturas PARTIS 13 de julho a 15 de setembro

Depois do sucesso da primeira edição do PARTIS, o Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano prepara-se para dar início à segunda edição. O período de candidaturas vai de 13 de julho a 15 de setembro. Podem concorrer organizações não lucrativas com projetos que promovam a inclusão social de cidadãos em situação de maior vulnerabilidade social, tendo em vista a promoção do encontro e diálogo entre diferentes – em termos sociais, etários, culturais, entre outros –, e também a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social e territorial.

Informações: www.gulbenkian.pt/desenvolvimentohumano



1.



2.



3.

Festival Aldeias Artísticas

Em junho, as aldeias do Juncal do Campo, Freixial do Campo, Chão-da-Vã e Barbaído receberam o festival Aldeias Artísticas. Organizado pelo projeto Há Festa no Campo, apoiado pela Fundação, o festival promoveu encontros, conversas, exposições, negócios, festa e arte urbana para mostrar o potencial destes locais como espaços de oportunidade para vidas mais felizes, saudáveis e sustentáveis. ■ Fotografias de Afonso Cabral

1. Mural de DirtyCop no campo de futebol do Juncal do Campo
2. O artista urbano SMILE e a Ti'Augusta observam trabalho em andamento no mural da Ti'Augusta vs Ratatui
3. Projeto Matilha a pintar um mural no Juncal do Campo
4. Habitantes do Juncal do Campo no Mercadinho do Camponês

5. Mural de Manoel Jack na escola do Juncal do Campo
6. Encontro "As aldeias como espaço de oportunidade e transformação"
7. Mercadinho do Camponês, com produtos locais dos habitantes das aldeias
8. Workshop Lata 65, arte urbana para seniores
9. Curtas em Flagrante, cinema ao ar livre



4.



5.



6.



7.



8.



9.



Ideias vencedoras

© Carlos Porfiro

O projeto Rio Frio – Território Criativo venceu o concurso Ideias de Origem Portuguesa 2015, promovido pela Fundação Gulbenkian. No dia 11 de junho, portugueses que se distinguem na diáspora reuniram-se no encontro FAZ, organizado em conjunto com a Cotec Portugal.

Instalar rebanhos comunitários em terrenos baldios, aproveitando recursos abandonados ou pouco explorados, é a proposta do projeto **Rio Frio | Território Criativo**, que pretende assim resolver ou minimizar o risco de incêndios, diminuindo a carga combustível no território. O projeto venceu a quarta edição do concurso Ideias de Origem Portuguesa, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian dirigida à diáspora portuguesa. O prémio foi entregue no dia 11 de junho pelo Presidente da República, no âmbito do encontro FAZ, promovido em conjunto pela Fundação e a Cotec Portugal, que no mesmo dia entregou a José Neves, fundador e CEO da Farfetch, o Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa 2015. Rio Frio | Território Criativo, que receberá da Fundação Calouste Gulbenkian 25 mil euros para a sua concretização, propõe o aproveitamento de 400 hectares de terrenos baldios situados na freguesia portuguesa de Rio Frio, no concelho de Arcos de Valdevez, para o pastoreio de um rebanho coletivo. Este rebanho, composto por 200 cabras autóctones da raça serrana e bravia, que os habitantes e a diáspora são convidados a adotar, mediante o pagamento anual de uma quantia pré-definida. De acordo com os autores do projeto, um dos quais a residir em Berna, na Suíça, “esta iniciativa complementa outras que visam tornar o território sustentável”, esperando-se ainda que reforce “os laços afetivos da comunidade emigrante com as suas origens e fomente o espírito solidário entre conterrâneos”.

Em 2.º lugar, com um prémio de 15 mil euros, ficou o projeto **TEIA – Transforming Emigration into Action**, uma plata-

forma que quer juntar empreendedores portugueses que pretendam internacionalizar os seus negócios recorrendo a emigrantes portugueses estabelecidos profissionalmente no estrangeiro. Dois dos promotores do TEIA são residentes no Chile, onde já há um projeto-piloto em curso.

O 3.º classificado, com um prémio de dez mil euros, foi o projeto **Web Rádio para Crianças**, que propõe a criação de uma rádio *online* falada em português para crianças e famílias portuguesas e luso-descendentes residentes em qualquer ponto do mundo. “Os temas, notícias e música, entre outros conteúdos, serão direcionados para as crianças, mas serão igualmente uma ferramenta para os pais, educadores e outras pessoas que com eles trabalhem”, lê-se na proposta da iniciativa. A equipa que desenvolveu este projeto conta com um dos seus elementos a residir em Alesund, na Noruega. Lançado em 2010 pela Fundação Calouste Gulbenkian, o concurso Ideias de Origem Portuguesa teve como vencedor da sua primeira edição o projeto Arrebita!Porto, que consistia na reabilitação de casas a custo zero. Em 2013, os projetos vencedores da 2.ª edição foram a criação de uma orquestra formada por jovens músicos portugueses a residir no estrangeiro – a Orquestra XXI – e ainda os projetos Fruta Feia e Rés-do Chão. Em 2014, os projetos vencedores foram: Sumos Portugal, Salva a Lã Portuguesa e Plantei.eu. A todas as equipas concorrentes é requerido que tenham um português ou lusodescendente a residir no estrangeiro. A quarta edição do Concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa recolheu 54 novas ideias de empreendedorismo social, envolvendo 201 participantes de 29 países. ■



Portugal reforça 2.º lugar no *ranking* da integração de imigrantes

Num momento particularmente sensível para as questões das migrações, a 4.ª edição do projeto Mipex faz um estudo comparativo da integração de imigrantes, políticas e beneficiários, em todos os Estados-membros da UE, e na Austrália, no Canadá, na Islândia, no Japão, na Nova Zelândia, na Noruega, na Coreia do Sul, na Suíça, na Turquia e nos Estados Unidos da América. Os resultados para Portugal foram apresentados na Fundação Calouste Gulbenkian no dia 12 de junho.

No *ranking* geral das políticas de integração, Portugal mantém o 2.º lugar, estando à frente dos países tradicionais de imigração e numa posição muito mais favorável do que os países do Sul da Europa (Espanha, Itália e Grécia), de acordo com o relatório que pretende analisar o que os governos estão a fazer para promover a integração dos imigrantes.

Portugal tem feito um grande esforço para promover a integração dos imigrantes no mercado de trabalho, garantindo-lhes direitos iguais aos dos trabalhadores portugueses, apoiando o empreendedorismo imigrante e procurando

do facilitar as condições de reconhecimento de graus académicos e habilitações profissionais, conclui o relatório. Apesar disso, a taxa de desemprego dos trabalhadores nacionais de países terceiros é muito superior à dos portugueses e existe ainda uma elevada proporção de imigrantes altamente qualificados que exercem profissões de baixa qualificação.

No *ranking* das condições de acesso à nacionalidade, Portugal ocupa o 1.º lugar, e no direito ao reagrupamento familiar ocupa o 2.º lugar (juntamente com Espanha). A Educação e sobretudo a Saúde são as áreas em que Portugal apresenta uma situação menos favorável.

O projeto Mipex 2015 é coordenado pelo Barcelona Centre for International Affairs e o Migration Policy Group, contando com a participação do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. ■

<http://www.mipex.eu/portugal>

Financiamento para a Inovação Social em Portugal

Relatório do Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social

Para enfrentar os desafios que as entidades da economia social encontram para o seu financiamento, são cinco as recomendações do Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social, que constam do relatório divulgado na Fundação Calouste Gulbenkian, no final de junho. Do lado da procura, recomenda-se que sejam fortalecidas as competências das entidades da economia social, através de programas de capacitação (1). Do lado da oferta, recomenda-se a introdução de instrumentos financeiros adequados às necessidades dessas organizações (2). No que toca ao sector público, o relatório recomenda a promoção de uma cultura orientada para os resultados (3). Recomenda-se ainda a criação de um centro de conhecimento e recursos para o investimento social (4), e o apoio a intermediários especialistas que facilitem a ponte entre entidades da economia social, investidores e sector público (5). As cinco recomendações são acompanhadas no relatório de exemplos internacionais de boas práticas, das suas principais aprendizagens e de um plano de ação para Portugal, a curto, médio e longo prazos.

Existem mais de 55 mil entidades da economia social a operar em Portugal, representando 5,5 por cento do emprego remunerado a nível nacional. Dados recentes sugerem ainda que as entidades da economia social têm necessidades líquidas de financiamento de 750 milhões de euros, por ano. “A vulnerabilidade financeira limita o impacto das entidades da economia social e compromete a capacidade das mesmas de realizarem a sua

missão. Em vez de se focarem na oferta de serviços de qualidade, utilizam uma parte significativa do seu tempo a angariar fundos”, sublinha o relatório.

O investimento social – aplicação de capital com o objetivo de gerar simultaneamente retorno social e sustentabilidade financeira – constitui uma alternativa para apoiar as

entidades da economia social no acesso a financiamento adequado às suas necessidades. “Durante os próximos cinco anos, o desenvolvimento deste mercado vai ter implicações importantes sobre a forma como se irão resolver problemas sociais no futuro”, conclui o relatório.

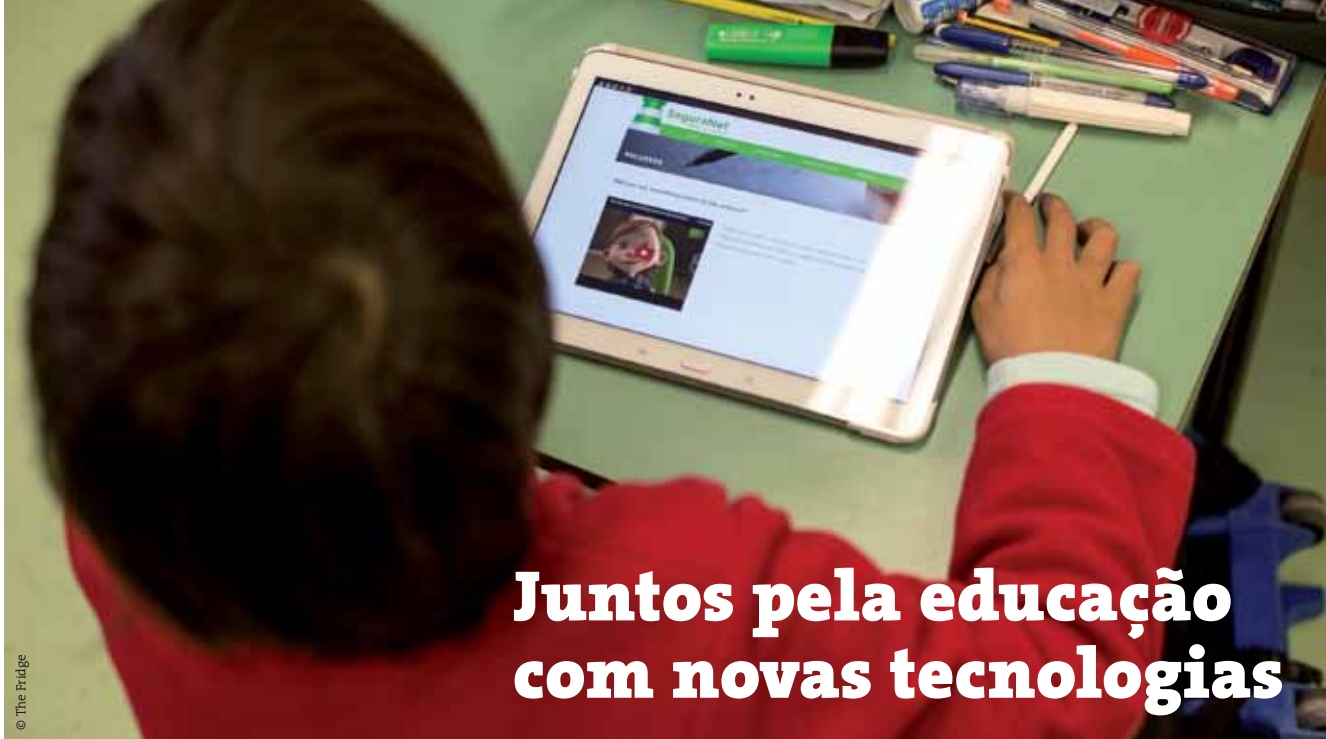
O Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social é um grupo de trabalho independente, formado no ano passado em resultado de uma parceria da Comissão Europeia, Fundação Calouste Gulbenkian, Laboratório de Investimento Social e Social Finance. Ao longo de 12 meses, o Grupo reuniu representantes de entidades de referência dos sectores social, público e privado, de todo o país, para discutir a melhor forma de desenvolver este sector em Portugal.

O relatório, que pode ser consultado integralmente na internet,

foi apresentado durante a primeira edição do Social Innovation World Forum, em junho. ■



<http://investimentosocial.pt/>



© The Fridge

Juntos pela educação com novas tecnologias

Várias entidades como a Microsoft, a J.P. Sá Couto, a Fundação PT, a Santillana, a Leya, a Porto Editora e a Promethean juntaram-se à Fundação Gulbenkian no apoio ao projeto TEA, que se destina a promover a utilização de novas tecnologias em sala de aula e atividades não letivas.

Com o objetivo de estimular o sucesso escolar dos alunos, o projeto TEA terá uma duração de 32 meses (fase de lançamento e dois anos letivos) e já está a ser concretizado em duas turmas da Escola Secundária Eça de Queirós, em Lisboa, com alunos que frequentam o 7.º e o 10.º anos de escolaridade. Durante dois anos, o projeto vai procurar perceber de que formas os alunos e professores envolvidos se apropriam dos *tablets* que lhes são fornecidos e quais são as implicações, no ensino e na aprendizagem, da utilização contínua destes equipamentos. Para poder tornar realidade esta ideia, a Fundação Calouste Gulbenkian conta com a participação de várias entidades, que manifestaram o seu interesse e a sua disponibilidade para se associarem ao Projeto TEA, na qualidade de parceiras, oferecendo equipamentos, materiais e outro tipo de colaborações.

A Microsoft e a J.P. Sá Couto fornecem os *tablets* que vão ser providenciados aos alunos e professores. No caso da Microsoft serão fornecidos, para os alunos e professores da turma de 7.º ano, *tablets* e um conjunto de *apps*, incluindo aplicações específicas para educação, formação a professores e alunos. Já a J.P. Sá Couto fornece *tablets* para os alunos da turma de 10.º ano, e disponibiliza a solução Mythware, um sistema de gestão de sala de aula.

Os restantes parceiros vão fornecer os conteúdos necessários para completar o uso dos equipamentos eletrónicos. A Porto Editora, a Leya e a Santillana disponibilizam manuais

digitais e formação para a sua utilização. A Porto Editora também vai permitir o acesso aos recursos constantes da Escola Virtual, a sua plataforma de *e-learning* direcionada ao ensino básico e secundário.

A Promethean traz para o projeto ecrãs táteis, acesso à plataforma educativa ClassFlow, e formação de professores nestes equipamentos e serviços/ferramentas.

Por último, a Fundação PT assegura o acesso rápido e estável à Internet nas salas de aula das turmas do projeto, o apoio aos alunos carenciados que não tenham acesso à Internet em casa e formação e apoio na utilização dos recursos da Khan Academy, um *site* que permite acesso gratuito a ferramentas educativas. Os conteúdos da Khan Academy foram traduzidos pela Fundação PT para português e estão disponíveis em www.fundacao.telecom.pt.

Todos os parceiros vão, ainda, fornecer apoio continuado relativamente aos materiais que disponibilizaram, ao longo de toda a duração do projeto TEA.

Para breve está ainda a inclusão de mais duas novas entidades neste projeto. A Texas Instruments vai fornecer aos alunos e professores de 10.º ano das áreas de Matemática e Físico-Química calculadoras gráficas de última geração e a Plátano Editora vai disponibilizar manuais digitais a todos os professores e alunos cujas disciplinas tenham adotado manuais desta editora. ■

Estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP

A 6 de julho, o Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento abre uma nova edição do concurso destinado aos profissionais de saúde dos PALOP para estágios de curta duração nos hospitais portugueses. Desta vez, as bolsas vão essencialmente para os profissionais das áreas clínicas de anestesiologia, cirurgia geral, ginecologia e obstetrícia, medicina interna e pediatria.

Entre os 71 profissionais de saúde que já obtiveram bolsa da Fundação Gulbenkian está Avantino Sebastião, médico angolano especialista em Pneumologia no único hospital pediátrico de Luanda, o Hospital David Bernardino. A bolsa trouxe-lhe a possibilidade de entrar por três meses no Hospital D. Estefânia, em Lisboa, na área de pneumologia pediátrica, uma das mais necessitadas ao nível da capacitação de quadros em Luanda.

Avantino Sebastião formou-se em medicina geral em Cuba, onde também se especializou em pediatria, e está há 12 anos no David Bernardino, onde enfrenta diariamente situações complexas, “Em Angola somos poucos profissionais de saúde, o número de médicos por habitante é muito reduzido e muitas vezes os enfermeiros têm de ser capacitados para o trabalho dos médicos”. Segundo as estatísticas da Global Health Workforce, da Organização Mundial de Saúde, existem em Angola 1,6 médicos por 10 000 habitantes, num país com cerca de 24 milhões de habitantes. Com um

fluxo de doentes muito elevado, Avantino Sebastião chega a ver, em época de chuvas e calor, entre 300 e 350 doentes na urgência, e 60 a 70 no internamento.

A bolsa permitiu a Avantino Sebastião “colher muitos frutos da experiência no Hospital D. Estefânia e aperfeiçoar técnicas usadas para o diagnóstico e tratamento de doenças.” A broncoscopia, técnica usada para a extração de corpos estranhos alojados nas vias respiratórias, é uma das ferramentas mais úteis, por exemplo. “Esta era uma das áreas na qual tínhamos mais necessidade de formação”, diz o médico angolano, que promete vir a transmitir estes novos conhecimentos aos colegas do serviço de pneumologia pediátrica no Hospital David Bernardino. O CISA – Centro de Investigação em Saúde de Angola, o projeto lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com o Ministério da Saúde de Angola, o Governo Provincial do Bengo e o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, desenvolve também um projeto nesta área, no Hospital Geral do Bengo. ■

Concurso de Investigação para o Desenvolvimento

Este concurso, uma iniciativa do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, destina-se a apoiar a publicação, em revistas científicas, de projetos de cooperação para o desenvolvimento promovidos por ONGD nacionais. Para garantir o enquadramento científico dos resultados obtidos no terreno pelas ONGD, as candidaturas a este concurso devem estar associadas a universidades ou centros de investigação. Podem candidatar-se ONGD nacionais,

legalmente reconhecidas pelo Instituto Camões há mais de três anos, em parceria com instituições de ensino superior e de investigação com mérito reconhecido nas áreas de intervenção dos projetos apresentados e que devem estar concluídos, ou em fase final, à data de apresentação da candidatura.

Com inscrições abertas até **31 de julho**, o concurso vai premiar, com 10 mil euros, dois projetos selecionados pelo júri. ■ www.gulbenkian.pt/ParceriasDesenvolvimento.



A ciência no NOS Alive'15

Entre 9 e 11 de julho, o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) volta a estar presente no festival de música NOS Alive, no passeio marítimo de Algés. Durante os três dias, cientistas do IGC vão dinamizar atividades interativas com o público, de forma a partilhar um pouco da ciência feita no Instituto. “Speed dating” com cientistas, jogos e experiências científicas são algumas das atividades que os visitantes podem encontrar no stand do IGC. Também no primei-

ro dia do festival abrem as candidaturas a duas bolsas de investigação científica, financiadas pela Everything is New, a entidade promotora do festival. As bolsas destinam-se a jovens recém-licenciados que pretendam iniciar um percurso em ciência. Da parceria estabelecida entre o IGC e a Everything is New em 2008 já resultaram 10 bolsas de investigação em áreas como biodiversidade, evolução, genética, malária e microbiologia. ■

Pode a evolução ser previsível?

Até que ponto se pode prever a evolução do vírus da gripe, das bactérias resistentes a antibióticos ou das células cancerígenas que se propagam dentro de um ser humano? Estes são alguns dos principais temas em debate na conferência *Forecasting evolution?*, que decorre de 8 a 11 de julho na Fundação Calouste Gulbenkian. Até agora, a ideia de se poder prever a evolução não tem estado na agenda dos cientistas. Dada a complexidade de fatores que podem influenciar esse processo, prever como vai ser a vida na Terra daqui a milhões de anos parece completamente irrealista. Mas experiências feitas em diferentes organismos, quer em laboratório quer na natureza, parecem indicar que talvez seja possível prever a evolução

num curto prazo de tempo. Antever como podem evoluir o vírus do HIV ou as alterações genéticas que ocorrem durante o desenvolvimento de tumores poderia ajudar a prevenir ou a proteger-nos de eventos não desejados.

Esta conferência científica, organizada por Isabel Gordo do Instituto Gulbenkian de Ciência, Michael Lässig da Universidade de Colónia e Ville Mustonen, do Wellcome Trust Sanger Institute, conta com uma vasta lista de conceituados oradores internacionais – biólogos, físicos e matemáticos – que vão discutir a que nível pode a evolução ser previsível e qual o impacto da possibilidade de prever evolução a nível da saúde humana. ■



Investigador IGC coordena projeto europeu

Um consórcio europeu e norte-americano, coordenado por Jörg Becker, investigador principal no Instituto Gulbenkian de Ciência, recebeu financiamento de 2,6 milhões de euros para estudar a evolução da reprodução sexual em plantas. O projeto é financiado no âmbito da ERA-CAPS, uma rede europeia dedicada a apoiar atividades de investigação no campo da Ciência das Plantas. Esta é a primeira vez que Portugal tem um projeto da ERA-CAPS. Jörg Becker diz que “a grande mais-valia deste projeto é reunir como parceiros alguns dos maiores peritos em reprodução sexual nas plantas, que normalmente focam o seu estudo num determinado aspeto biológico de um dado organismo” e acredita que os resultados que esperam obter

“podem revolucionar o conhecimento existente nesta área”. Os sete investigadores (seis europeus e um americano) vão trazer para o projeto as suas capacidades técnicas únicas. Usando diferentes espécies de plantas como modelo de estudo, desde musgos a plantas com flor, os investigadores pretendem compreender as principais fases na evolução das plantas, nomeadamente os mecanismos ancestrais de diferenciação dos gâmetas e fertilização. Este estudo irá possibilitar a identificação de genes e de mecanismos específicos úteis para a indústria agrícola, com o objetivo de melhorar a reprodução de plantas economicamente importantes e aumentar a sua produção. ■

Cursos científicos no IGC

Durante o mês de julho, o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) acolhe dois cursos científicos da EMBO e da Escola Europeia de Verão. A Escola organiza entre 19 de julho e 1 de agosto, o curso “Host-Microbe symbioses: old friends and foes” onde será explorada a associação simbiótica entre micróbios e animais ou plantas. Organizado por Luís Teixeira e Karina Xavier, ambos investigadores principais no IGC, a Escola de Verão é direcionada a estudantes europeus do segundo ou terceiro anos de doutoramento, e conta com a participação de oradores nacionais e interna-

cionais. Este curso é patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Volkswagen Foundation.

O curso prático da EMBO “Measuring intra-species diversity using high-throughput sequencing”, organizado por Daniel Sobral, coordenador da Unidade de Bioinformática do IGC, irá decorrer entre 27 a 31 de julho. Este curso irá mostrar o potencial e os riscos do uso de um tipo de tecnologia de sequenciação, em que se geram muitos dados de uma só vez, para detetar a diversidade genética e as possíveis forças evolutivas que atuam dentro dos indivíduos da mesma espécie. ■

Conservação das espécies depende da estrutura familiar

Diversos grupos de insetos, aves e mamíferos estão organizados em grupos com uma estrutura social bem definida, à semelhança do que acontece nas famílias. Como estes grupos de indivíduos consistem em agregações relativamente pequenas, o impacto da organização social na diversidade genética dos animais tem gerado controvérsia entre geneticistas e ecólogos. Por um lado, os geneticistas consideram que há um risco acrescido de os indivíduos perderem diversidade e acumularem altos níveis de consanguinidade. Por outro, os ecólogos observam a existência de grupos sociais com bastante diversidade na natureza. Agora, os investigadores Bárbara Parreira e Lounès Chikhi, do Instituto Gulbenkian de Ciência, apresentaram um novo modelo matemático que pode ser usado para prever de que forma grupos com uma estrutura social bem definida influenciam a diversidade genética e evolução das espécies e, em última instância, ajudar na sua conservação. Este modelo cruza dados genéticos com informação sobre a estrutura social e mostra que a estrutura dos indivíduos é importante para manter a diversidade genética das espécies. Lounès Chikhi explica que “os geneticistas populacionais tendem a usar modelos simples para representar a complexidade de espécies reais. No entanto, quando queremos perceber o que acontece na natureza precisamos de modelos que reflitam mais corretamente o mundo real”. Bárbara Parreira, aluna de doutoramento no grupo de Lounès Chikhi, acrescenta: “Com este modelo matemático mostramos que os grupos sociais, embora sejam formados por



pequenos grupos de indivíduos aparentados, são extremamente eficazes a manter a diversidade. Manter estes grupos sociais é provavelmente um dos fatores mais importantes na conservação de espécies.”

Este estudo foi publicado na revista científica *PNAS*. ■

Palestras públicas na Fundação Gulbenkian

No dia 27 de julho, a Fundação Calouste Gulbenkian acolhe uma série de palestras públicas com o tema “Como é que os nossos micróbios beneficiam a saúde humana?”. Nos últimos anos, o papel que a comunidade de microrganismos que reside no nosso corpo – conhecida por microbiota – desempenha na manutenção da saúde tem sido cada vez mais estudado por cientistas, com resultados surpreendentes. A fisiologia e comportamento do ser

humano não dependem apenas dos mecanismos biológicos humanos, mas também das muitas espécies de bactérias e outros microrganismos que habitam nesse corpo. Nesta sessão pública, organizada pelo investigador Luís Teixeira do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), reconhecidos cientistas internacionais vão discutir a associação da microbiota à saúde humana. ■



Exposição sobre tesouros reais de Espanha ganha prémio da APOM

O Museu Calouste Gulbenkian recebeu o prémio da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) pela exposição A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha, que esteve patente na Fundação entre 22 de outubro de 2014 e 25 de janeiro deste ano.

A exposição organizada pelo Museu, em colaboração com o Património Nacional de Espanha, mostrava o melhor da produção de Espanha e da Europa em obras de mestres como Velázquez, Goya, Caravaggio e El Greco, entre muitos outros.

Algumas das obras apresentadas testemunhavam a história das relações artísticas ou familiares entre Espanha e Portugal.

A exposição, que recebeu o alto patrocínio do Presidente da República de Portugal e dos Reis de Espanha, foi visitada por 50 mil pessoas. ■



Museu Gulbenkian com certificado TripAdvisor

O Museu Calouste Gulbenkian ganhou mais uma vez o certificado de excelência do site de viagens TripAdvisor. O site é um dos maiores do mundo nesta área de aconselhamento e indicações sobre viagens e locais a visitar e os certificados são obtidos a partir dos votos e das observações dos visitantes. Este ano, o Museu Calouste Gulbenkian somou 4,5 num máximo de 5 pontos. ■

Internet sem fios em toda a Fundação



A partir de 20 de julho, a Fundação Calouste Gulbenkian vai passar a ter rede WiFi grátis, disponível em todo o complexo da Av. de Berna. Desta forma, qualquer visitante da Fundação, quer esteja no Jardim, no Museu, no Centro de Arte Moderna, na Biblioteca de Arte, nos Auditórios, na zona e salas de Congressos, Centro Interpretativo ou nas Salas de Exposição Temporárias, poderá aceder a esta rede (que terá o nome de "FCG Free WiFi"), para que possa partilhar as suas experiências na Fundação Calouste Gulbenkian em tempo real e com qualidade. Ainda este ano, previsivelmente em outubro, será também instalada uma tecnologia inovadora de hiper-localização, da qual a Fundação é um dos primeiros clientes a nível mundial. Esta tecnologia irá permitir obter a localização de um determinado equipamento móvel, com uma margem de erro muitíssimo reduzida. O serviço vai estar disponível no Museu, CAM e salas de Exposições Temporárias, permitindo o desenvolvimento futuro de novas aplicações que potenciem outras formas de interação do público com as obras expostas. ■



© Marcia Lessa

Uma foto histórica

A antiga Casa dos Estudantes do Império foi motivo para um encontro histórico na Fundação Gulbenkian no final de maio. Os ex-presidentes de Portugal, Cabo Verde e São Tomé, bem como os ex-primeiros-ministros de Angola e Moçambique, juntaram-se no Auditório 2 da Fundação para uma conversa sobre a Casa que os recebeu em Lisboa e que tanto indignou a polícia política do Estado Novo, que acabou por a encerrar em 1965. Na foto, da esquerda para a direita, Vitor Ramalho, Pedro Pires, Mário Machungo, França Van-Dúnem, Pascoal Mocumbi, Jorge Sampaio, Artur Santos Silva, Mário Soares, Miguel Trovoada e José Luís Campos Ferreira. ■



Mar de Oportunidades vence prémio

O projeto Mar de Oportunidades, financiado pelo Programa Cidadania Ativa da Fundação Calouste Gulbenkian, foi distinguido com o prémio Estoril Local Answers 2015 que premeia anualmente respostas locais a desafios globais.

O projeto, desenvolvido pela organização não governamental Aporvela, promove o desenvolvimento de jovens desfavorecidos ou em risco, aliando o conhecimento do Oceano e as carreiras profissionais ligadas ao mar, capacitando-os para encontrar novos significados pessoais e sociais. O prémio foi entregue a 20 de maio, Dia Europeu do Mar e da Marinha, na data em que se assinala o aniversário da chegada de Vasco da Gama a Calecute. ■



*Tania Martuscelli | 39 anos | Literatura **

Encontros entre Portugal e o Brasil

COMO CHEGOU AOS ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS?

Há uma série de razões que me levaram a encontrar este caminho. Uma delas tem a ver com a minha formação acadêmica: licenci-me em Letras na Universidade Estadual de Campinas, no Brasil, numa época em que havia um programa de sólida formação nos estudos luso-brasileiros, ainda que não fossem assim denominados. A minha tese de mestrado teve como foco a obra de António Maria Lisboa, o que me trouxe até aqui para poder ter acesso à obra dos surrealistas. Viver em Lisboa foi outra razão que me trouxe até à questão luso-brasileira – deixou de ser só motivação exclusivamente acadêmica, mas também de identidade, ainda que eu não tenha família portuguesa. Fiz o meu doutoramento na Universidade de Massachusetts, em Amherst, onde fui apresentada ao universo dos países africanos de língua oficial portuguesa, além de seguir os meus estudos do surrealismo, desta vez Mário-Henrique Leiria. Outro motivo é porque sou professora nos Estados Unidos, um *terceiro lugar* para explorar (de fora, mas também de dentro!) esse universo luso-brasileiro. Tive o privilé-

gio de poder elaborar um programa de Português na Universidade do Colorado, em Boulder, e optei por uma proposta em que os alunos têm um treinamento mais globalizante, isto é, do mundo falante de português, não exclusivo ao Brasil ou a Portugal. As motivações foram, por isso, profissionais e pessoais.

LECIONOU PORTUGUÊS EM ALGUMAS UNIVERSIDADES NORTE-AMERICANAS. É UMA LÍNGUA PROCURADA POR ESTUDANTES DE OUTROS IDIOMAS?

O português tem-se tornado cada vez mais popular nos Estados Unidos. O perfil dos estudantes não se restringe apenas aos descendentes de portugueses, brasileiros ou cabo-verdianos, mas a americanos também. Há um aumento na oferta de cursos de Português para falantes de espanhol, por exemplo, de modo a aprenderem a língua em menos tempo, o que atrai mais alunos. Evidentemente – por questões económicas e políticas sobretudo –, o interesse é maior no Brasil. Contudo, ao oferecer uma gama de cursos que engloba os países de língua oficial portuguesa,



Universidade do Colorado, em Boulder

além do “sotaque” brasileiro, os alunos aprendem muito desse “mundo vasto mundo” e encantam-se com a ideia de poderem estudar e conhecer culturas que, apesar de aparentemente dispares, têm tantas conexões.

A PAR DE GRANDES NOMES DA LITERATURA, JÁ PUBLICOU ARTIGOS NA COLÓQUIO/LETRAS. É IMPORTANTE PARA SI COLABORAR COM REVISTAS DESTES GÊNEROS?

Publicar na *Colóquio/Letras*, ou ter meu primeiro livro recenseado nela, posso dizer firmemente, é uma grande realização profissional. Ademais dos grandes nomes da crítica literária que aí publicam, o profissionalismo e rigor com que Nuno Júdice, Ana Marques Gastão e Maria F. Ramos Rosa cuidam dos textos e das edições de cada número é impressionante. Revistas como a *Colóquio* são verdadeiras referências para estudiosos da literatura. Ter o meu trabalho inserido nesse contexto é um privilégio.

ESTÁ AGORA A ESCREVER UM LIVRO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESCRITORES PORTUGUESES E BRASILEIROS. QUAL É A IDEIA CENTRAL DO LIVRO?

A ideia central é voltar a discutir alguns momentos de encontro da cultura (literária, sobretudo) dos dois países de modo a perceber o *hibridismo* – como foi cunhado por H. Bhabha. Desafiei-me a revisitar acontecimentos sociocul-

turais que tiveram lugar tanto *cá* como *lá* com base no diálogo entre intelectuais e em periódicos sobretudo. O título provisório do livro, *(Des)Conexões entre Portugal e o Brasil – Estudos Culturais*, já aponta para a dificuldade de afirmar o hibridismo. Estou a lidar com questões de identidade cultural, que a princípio subentendem singularidade e emancipação. Contudo, além da complexidade do processo de colonização e posterior descolonização na formação das duas sociedades, a inédita transmigração do reino de Portugal ao Brasil leva essa discussão a outro patamar. A colónia foi metrópole de sua metrópole. Essa imagética e o imaginário que tal fenómeno acarreta, acaba por trazer uma nova camada de subversão nos estudos pós-coloniais.

QUAIS OS MAIS DESTACADOS PONTOS DE CONTACTO ENTRE OS AUTORES DOS DOIS PAÍSES?

O “fenómeno Eça” no Brasil; as “geração de 70” de cá e de lá; a República brasileira e a portuguesa; a figura de João do Rio em Portugal; os modernismos e os modernistas; o romance social brasileiro e o neorrealismo; as neovanguardas, como o concretismo, a poesia experimental, etc. Não são pontos de contato propriamente desconhecidos, mas o argumento de hibridismo cultural é o que me parece mais instigante nesse estudo. ■

* *Bolsa de pós-doutoramento em Literatura: publicação de livro*

em julho/agosto





Lourdes Castro, 1956, óleo s/ madeira

Lourdes Castro

Todos os livros

Esta exposição, iniciativa da Biblioteca de Arte com curadoria de Paulo Pires do Vale, vai reunir os livros-de-artista que Lourdes Castro realizou desde os anos 50 até hoje, muitos deles nunca expostos, e que tiveram um papel central no desenvolvimento da obra da artista.

Todos os livros mostra desde os mais simples, em que Lourdes Castro relaciona textos de poetas como Rilke, Rimbaud, Apollinaire e Herberto Helder, com os seus desenhos, e onde a palavra é iluminada pela imagem, até à utilização do rodhoide ou do plexiglas em livros-objetos.

Neles, a artista vai acumulando em cada página colagens várias, simplificando a linha da sombra ou bordando palavras. Muitos dos livros são únicos, outros tiveram edições limitadas, feitas em serigrafia; alguns resultaram da colaboração com escritores, como Benjamin Patterson, outros ainda da recolha sobre um tema da sua predileção.

Foram muitas as possibilidades que a estrutura do livro lhe permitiu explorar, e fica evidente, nos muitos livros que Lourdes Castro produziu, o interesse e afeto que tem por este dispositivo – desde a criação, com René Bertholo, da revista e editora KWY, até hoje, em que continua a completar o seu *Album de família*, onde recolhe as referências, imagens e texto, que encontra relativamente à *sombra*.

Sobre esse *Album*, escreveu: “Comecei-o em 1965, para me pôr ao corrente de tudo o que se relaciona com as sombras, na pintura, na publicidade, na poesia, na literatura, etc., tanto no passado como no presente. Fico contentíssima sempre que encontro um parente.”

Entre os livros inéditos, será apresentado *Un autre Livre Rouge*: realizado em Paris no início dos anos de 1970, em colaboração com Manuel Zimbro, nunca antes apresentado ao público. Esta obra alia a dimensão arquivística e estética com o humor, que fica evidente logo na referência do título ao livro de Mao (tão citado nas décadas de 1960 e 1970), criando um atlas de colagens e justaposição de múltiplas referências recolhidas, em redor da cor *vermelha*.

Esta exposição, só possível pelo envolvimento e entusiasmo da artista, será uma oportunidade para publicar também o Catálogo comprovado/*raisonné* dos livros de artista de Lourdes Castro. ■

Lourdes Castro. Todos os Livros

Curador: Paulo Pires do Vale

9 julho – 26 outubro

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU GULBENKIAN



Arpad Szenes, *En Peignant*, 1946



José de Almada Negreiros, *Duplo Retrato*, 1934/36

Olhos nos Olhos

O Retrato na Coleção do CAM

Esta exposição propõe uma aliciante viagem pelo universo do retrato ao longo do século XX e XXI, género largamente representado na coleção do Centro de Arte Moderna. Foram reunidas 140 obras de várias filiações estéticas, desde um registo mais naturalista, assumido por artistas herdeiros do século XIX, até um registo de desconstrução próprio de grande parte da produção do século XX. Amadeo, Almada, António Soares, Milly Possoz, Eduardo Viana, Francis Smith, Paula Rego, Dórdio Gomes, Candido Portinari, Michael Andrews, Nikias Skapinakis, Pedro Cabrita Reis, António Areal, Gil Teixeira Lopes, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e Helena Almeida são alguns dos artistas representados.

“Numa época em que os retratos e autorretratos se tornaram uma moda, e em que cada um difunde a sua própria imagem nas redes sociais (através da prática das chamadas *selfies*), esta exposição mostra como este género foi sempre muito valorizado e esteve sempre presente na produção artística”, explica Isabel Carlos, diretora do CAM e curadora da exposição.

Nas palavras da programadora, o título, *Olhos nos Olhos*, “remete não apenas para o olhar do espectador que fita o retratado, mas também para o olhar do artista que observa o outro quando o retrata”. Esta duplicidade de olhares é sugerida por um título que permite vários sentidos.

A exposição desenvolve-se em vários núcleos, principiando com um módulo dedicado ao retrato feminino, remetendo para o contexto familiar, seguindo-se outro dominado por figuras masculinas. Nestes núcleos encontramos obras de artistas que retrataram a mulher, o marido ou os filhos, como os vários retratos de Maria Helena Vieira da Silva, da autoria de Arpad Szenes, ou o de Almada Negreiros, a filha e Sarah Afonso, pintado por esta última.

A exposição dará também a ver, por exemplo, o modo como Fernando Pessoa foi retratado por diferentes pintores como Almada Negreiros, António Dacosta ou Costa Pinheiro, entre outros.

Serão ainda expostos vários autorretratos de alguns dos nomes fundamentais da arte do século XX e XXI como Almada, Amadeo, Ofélia Marques, Carlos Botelho, Abel Manta, João Hogan, Maria Beatriz, Ana Hatherly, José Dominguez Alvarez, José Escada, Frederico George, Mário Botas, Mário Eloy, Oscar Kokoschka, Artur Rosa, Victor Pomar e Victor Palla. ■

Olhos nos Olhos. O Retrato na Coleção do CAM

Curadoria: Isabel Carlos

22 julho – 19 outubro

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS – EDIFÍCIO SEDE

As escolhas da curadora



Sarah Affonso

Retrato de Matilde, 1932

Óleo s/ tela

Trata-se de uma amiga de Sarah Affonso, Matilde Velez Caroço, que, na linha da tradição da pintura até aos inícios do século xx, surge retratada em pose. É um momento da vida quotidiana, uma cena doméstica, íntima, em que a figura, denotando grande serenidade, sobressai de um fundo de cores suaves. Ao longo do século xx vai-se assistindo a um progressivo abandono da pose nos retratos.

John Coplands

Self Portrait: Upside down, no. 1, 1992

Fotografia

Este artista elege o seu corpo como tema exclusivo de investigação, fotografando fragmentos do próprio corpo envelhecido, a que chama “autorretratos”, sem nunca desvendar o rosto, elemento normalmente associado a este género. Há uma aproximação crua à realidade, numa abordagem completamente distinta de um vulgar autorretrato.



Lourdes Castro

Sombra projetada de René Bertholo, 1965

Plexiglas

Trata-se também de outra forma de abordar o retrato. Nesta obra, Lourdes Castro reproduz a sombra de René Bertholo, seu companheiro, já não numa tela, mas numa superfície muito utilizada no seu trabalho – o plexiglas. A artista sempre trabalhou a ideia da sombra e aqui, assumindo o profundo desejo da maioria do retratos, há uma óbvia tentativa de fixar quem se ama num momento, eternizando-o, numa luta contra a ideia da morte e de fim.



Procissão, António Cruz

António Cruz

Um mundo desenhado a luz

Nascido no Porto, António Cruz (1907-1983) distinguiu-se como aguarelista, inigualável a transpor para o papel a luminosidade da sua cidade natal. Trata-se de um artista difícil de enquadrar numa perspetiva histórica da arte portuguesa do século xx, porque, nas palavras do crítico Bernardo Pinto de Almeida, voltou as costas ao contexto modernista “que o país queria à força imitar”, assumindo-se como pintor de aguarelas, uma técnica em desuso na época. Se estas circunstâncias, bem como o facto de ter nascido no Porto, se voltaram contra o artista, foram também “o motivo das suas forças”. Aprendeu, formal e tecnicamente, sobretudo “na grande tradição de Turner” e “valeu-lhe beneficiar da luz e névoa (da cidade do Porto) de que foi o único sublime retratista”. Manoel de Oliveira escolheu-o como protagonista do filme *O Pintor e a Cidade*, realizado em 1956. Ainda nas palavras de Pinto de Almeida, António Cruz é autor de uma “obra coerente e densa”, com um “carácter verdadeiramente poético”, em si mesma tão singular que “permanece como um retrato do mundo desenhado a luz”. É essa luz que podemos admirar nesta mostra, organizada em colaboração com a Cooperativa Árvore, com curadoria de Laura Soutinho. ■



Sem Titulo, António Cruz

António Cruz

Curadoria: Laura Soutinho

15 julho – 19 outubro

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS – EDIFÍCIO SEDE



Espelhos, Giselle Beiguelman

Unplace

Exposição de artes visuais *online*

Com trabalhos de Alfredo Jaar, Ai Weiwei e Olafur Eliasson, entre outros artistas, a exposição **unplace – arte em rede: lugares-entre-lugares** pode ser visitada *online* até dia 19 de novembro. Com curadoria de António Pinto Ribeiro e Rita Xavier Monteiro, e concebida exclusivamente para suporte digital na Web, esta mostra assenta num modelo expositivo inovador e interativo, e conta com 16 trabalhos, alguns dos quais *web-specific*, realizados propositadamente para este projeto.

Podem encontrar-se nesta mostra *online* trabalhos como *OMuro-OMundo* (Paula Levine, EUA), que utiliza ferramentas de navegação do Google Earth para permitir ao público explorar o impacto do muro que está a ser construído entre Israel e a Cisjordânia, ou *Nekh* (Ahmed El Shaer, Egito), um jogo inspirado em acontecimentos reais ocorridos durante a Revolução Egípcia de 2011. São obras onde é explícito um pensamento crítico e um ativismo relativamente àqueles que controlam os mecanismos de produção, arquivo e difusão da informação digital nos sistemas operativos globais, e têm como singularidade condicionarem a sua receção à

exclusividade dos sentidos visual, auditivo e cinestésico, excluindo completamente os sentidos tátil e do odor, recorrentes nas obras materiais e performativas.

A exposição **unplace – arte em rede: lugares-entre-lugares** resulta do projeto conjunto de investigação científica e artística Unplace – um museu sem lugar, desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian (Próximo Futuro), Instituto Superior Técnico e Universidade Nova de Lisboa, que explora as possibilidades e os limites da tecnologia e da linguagem digital. No *site* do projeto Unplace podem também encontrar-se os *ebooks* *Uncertain Spaces: Virtual Configurations in Contemporary Art and Museums* e *Museus sem lugar: ensaios, manifestos e diálogos em rede*, de acesso livre. ■

<http://unplace.org/pt/exposicao> (até 19 de novembro)

Aprender com a arte e os gigantes do mar

Durante julho e agosto, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência oferece várias propostas de oficinas criativas para crianças, dos 5 aos 15 anos. Este ano, as oficinas de verão também vão realizar-se fora do espaço da Fundação, em São Martinho do Porto e em Sesimbra.

Com várias oficinas agendadas durante o verão, entre 6 de julho e 31 de agosto, **Pelos Caminhos do Oriente Islâmico** explora o vasto mundo da cultura islâmica a partir de obras da coleção Gulbenkian: tapetes de seda e lã ricamente decorados, cerâmicas com representações geométricas, desenhos de plantas e animais, e muito mais. Esta oficina de artes plásticas destina-se a crianças dos 5 aos 12 anos.

O Que é a Utopia?, também para aqueles que têm entre 5 e 12 anos, parte da exposição do CAM Tensão e Liberdade. Vão ser construídas utopias utilizando o desenho, o movimento corporal, o vídeo, o pensamento crítico e o trabalho em equipa. O Que é a Utopia? realiza-se de 6 a 10 de julho e de 17 a 21 de agosto.

Fora da Caixa! é uma oficina que pretende soltar a criatividade. Durante uma semana, e a partir das exposições Tensão e Liberdade e X de Charrua, vai-se desenhar, escrever, interpretar, fotografar, pintar e representar, tudo para dar asas à imaginação. Fora da Caixa! decorre entre 13 e 17 de julho e também de 31 de agosto a 4 de setembro, para jovens entre os 7 e os 15 anos de idade.

Penso, Logo Voo é uma oficina de filosofia, artes plásticas e objetos voadores que, entre 20 e 24 de julho, vai ajudar a despertar a reflexão dos participantes sobre o que é ser-se livre. Ao longo de cinco dias, a partir de obras em exposição no CAM, em **Zoom In, Zoom Out: fora de escala!** vão ser estimuladas novas formas de olhar e novas possibilidades de interpretar os objetos artísticos. Com a arte e a natureza como fio condutor, o olhar vai passar pela experimentação nas áreas do desenho, da pintura, da colagem, da construção tridimensional e de mapas.

MOBY DICK NA FUNDAÇÃO, SESIMBRA E SÃO MARTINHO DO PORTO

Moby Dick, uma oficina do Descobrir em colaboração com a Escola de Mar e a Iniciativa Gulbenkian Oceanos, na qual se faz uma viagem ao mundo dos cetáceos a partir do clássico literário, vai ter lugar no Auditório Conde Ferreira, em Sesimbra, de 27 a 31 de julho, e na Junta de Freguesia de São Martinho do Porto, de 10 a 14 de agosto. Na Fundação, Gulbenkian decorre de 3 a 7 de agosto.

Maria de Assis Swinnerton, diretora do Descobrir, conta que o trabalho desenvolvido pela Escola de Mar com biólogos marinhos é “precisamente a componente científica que faltava ao Descobrir”, onde se trabalha sobretudo com artistas. Desta colaboração nasceu uma atividade criada de raiz, que junta cientistas e artistas e vai permitir desvendar alguns mistérios e descobrir curiosidades sobre estes gigantes do oceano, juntando histórias, conversas e muita criação artística.

A ideia de levar esta iniciativa para fora das portas da Fundação Gulbenkian também apareceu com naturalidade: “Como a Escola de Mar costuma trabalhar em vários locais, e como costumamos fazer as oficinas na Fundação, decidimos estender a atividade não só para aqui, mas também a outros locais, neste caso Sesimbra e São Martinho do Porto”, acrescenta a diretora do Descobrir.

Moby Dick poderá ainda navegar para mares mais longínquos, já que está a ser preparada uma oficina de três horas para ser levada às escolas no próximo ano letivo. ■



Desafios atuais do Brasil por Fernando Henrique Cardoso

Presidente do Brasil entre 1995 e 2003, responsável, entre outras medidas, pelo Plano Real que finalmente controlou a inflação no seu país, Fernando Henrique Cardoso fará uma conferência no dia 9 de julho, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Sociólogo, pensador, e um dos nomes de referência da política brasileira das últimas décadas, FHC (como é conhecido no seu país) falará sobre os desafios que o Brasil atualmente enfrenta, um país que entre 2000 e 2013 apresentou índices médios de crescimento ao ano de três por cento e que neste momento atravessa um período mais delicado tanto ao nível dos indicadores económicos como ao nível político.

Nos últimos meses, Fernando Henrique tem-se envolvido no debate político afirmando que apenas mais investimento

nas áreas da energia, das infraestruturas e da educação, além de uma reforma política, poderá devolver o seu país ao futuro que ambiciona.

Atualmente, Fernando Henrique Cardoso é presidente e integra o Conselho de Curadores da Fundação por si criada e é presidente honorário do Partido da Social Democracia Brasileira, o PSDB. Convidado regularmente para conferências em todo o mundo, o homem que foi senador, ministro da Fazenda e Presidente da sétima economia mundial, continua a defender que o Brasil tem um enorme potencial para o futuro, se for bem gerido e governado.

A conferência terá lugar no Auditório 2, às 18h30, com entrada livre. ■



Orquestra Geração

Arte e Comunidade

Coord. Hugo Cruz

Teatro nas favelas do Rio de Janeiro, ou nos territórios ocupados da Palestina onde o processo de fazer teatro é encarado como um ato de resistência cultural, mas também o trabalho da coreógrafa Madalena Victorino ou o realizado pela Pele (estrutura artística do Porto criada em 2007) em contextos específicos, como o prisional, os bairros sociais do Porto ou um grupo de teatro com participantes surdos, são alguns dos projetos focados nesta publicação da Fundação Calouste Gulbenkian, com a Direção-Geral das Artes e a Pele, disponível na livraria da Fundação.

Neste livro coordenado por Hugo Cruz, cofundador e diretor artístico da Pele, apresenta-se também um capítulo dedicado ao Teatro do Oprimido e uma abordagem aprofundada sobre a experiência da Orquestra Geração em Portugal, baseada no método El Sistema de Simón Bolívar da Venezuela e que perspetiva a música como meio de capacitação intelectual e social das crianças.

Com cerca de 550 páginas e prefácios assinados por António Pinto Ribeiro e João Brites, a seleção dos autores e projetos neste livro procura “espelhar práticas artísticas comunitárias com maior expressão quantitativa e qualitativa e que se traduzem numa maior força, neste momento, a nível mundial”, diz Hugo Cruz, coordenador do livro. Tenta-se assim colmatar uma lacuna grande de compilação e comparação de experiências diversas, que não se encontram registadas, organizadas e acessíveis ao público em geral. “É, neste sentido, uma obra inovadora e que segue os princípios comunitários de partilha e acesso ao conhecimento”, afirma o seu coordenador.

Hugo Cruz sublinha que Portugal tem seguido uma tendência europeia que passou a definir o envolvimento da comunidade como um aspeto central na criação artística, por meio das diretivas dos programas de financiamento disponíveis na área da cultura. “Esta tendência não acontece por acaso e espelha os tempos de crise que vivemos na Europa, que procura outras formas de organização. É uma orientação muito interessante e promissora, no sentido de uma visão integrada e holística de cultura, desde que não se procure atribuir à cultura funções que são iminentemente da educação e do social e que refletem o desinvestimento nestas áreas”, ressalva Hugo Cruz. “É inegável a força que este tipo de trabalho tem ganho em Portugal nos últimos anos.” ■

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

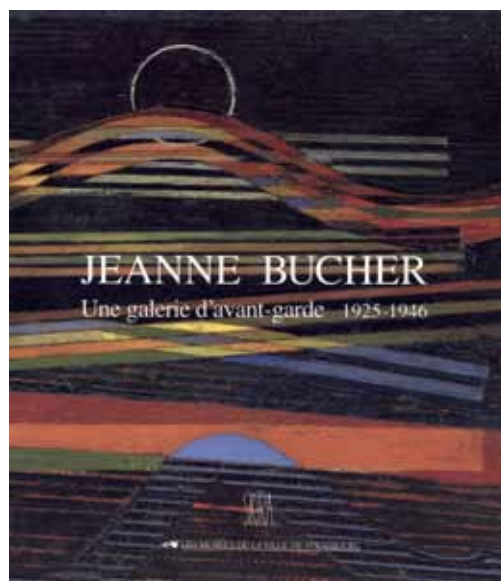


Embrora tenha sido inaugurada em setembro do ano passado, no Stedelijk Museum (Amsterdão), a exposição *Marlene Dumas: the image as burden* é uma das exposições a ver neste ano de 2015. Isto porque entre 5 de fevereiro e 10 de maio esteve patente na Tate Modern (Londres) e pode ser visitada ainda, até 13 de setembro, nas instalações da Fondation Byeler, na cidade suíça de Basileia. Trata-se da primeira retrospectiva, em museus europeus, dedicada à obra de Marlene Dumas (n. 1953) nascida na Cidade do Cabo (África do Sul), mas a viver na Holanda desde 1976 e uma das mais relevantes pintoras contemporâneas. Organizada pelos três museus acima mencionados com a colaboração ativa da artista, esta exposição reúne pinturas e desenhos realizados ao longo de 40 anos de trabalho. Ao escolher o título – *the image as burden*, a imagem como fardo/comprometimento –, Marlene Dumas pretendeu chamar a atenção para as relações de complexidade que se estabelecem nas suas obras entre a pintura e a imagem. O catálogo que acompanha a exposição tem a coordenação editorial das curadoras Leontine Coelewijn (Stedelijk Museum), Helen Sainsbury (Tate Modern) e Theodora Vischer (Fondation Beyler) e encontra-se organizado como se fosse uma cronologia, apresentando a obra de Dumas desde os primeiros trabalhos, de

meados da década de 1970, até ao século XXI, em contexto com outros eventos históricos, políticos e sociais.

Mais de 200 imagens das obras ilustram os textos onde as curadoras analisam o trabalho da artista, aos quais se juntam outros escritos pela própria Marlene Dumas, uma entrevista e um texto da autoria do crítico, escritor e ensaísta irlandês Colm Toibin. ■

Em 1994, os Museus e a Universidade de Estrasburgo organizaram uma exposição dedicada a uma das mais relevantes personalidades da cena artística europeia da primeira metade do século XX: a colecionadora de arte e galerista Jeanne Bucher. Patente ao público entre junho e setembro desse ano, na antiga alfândega da cidade, esta exposição mostrou ao visitante o percurso desta mulher, nascida na Alsácia em 1872 e falecida em 1946 em Paris, cidade para onde se mudou no início da década de 1920 e onde abriu, aos 51 anos de idade, uma livraria-galeria, no n.º 3 da rue du Cherche-Midi, à qual se seguiu, em 1929, no n.º 5 a Galerie Jeanne Bucher. Os cubistas estiveram no centro da atividade da galeria, que expôs regularmente pinturas de, entre outros, Picasso, Fernand Léger e Juan Gris, a par das esculturas de Giacometti e Henri Laurens. A galeria de Jeanne Bucher foi também praticamente a única a expor e a promover o trabalho de mulheres artistas, como Maria Helena Vieira da Silva e Dora Maar. Desta exposição ficou um livro/catálogo, cujos responsáveis editoriais foram os dois curadores Christian Derouet e Nadine Lehni e que teve a coedição da editora suíça Skira. Dividido em sete capítulos, para além de textos assinados pelos curadores, são igualmente autoras Marie-Blanche Pouradier Duteil e Patricia Sheer, abordando diversos aspetos da atividade de Jeanne Bucher: as edições de livros de artista, como o livro de Max Ernst *Histoire Naturelle* (1926), o período da ocupação alemã de Paris e as suas duas viagens a Nova Iorque. Bastante ilustrado, com fotografias e reprodução de obras de arte, completam-no uma bibliografia e a lista de obras expostas. ■



Centro de Arte Moderna João Abel Manta, 1972

Prisioneiro!

Desenhador e ilustrador, João Abel Manta publicou com muita regularidade obra gráfica na imprensa portuguesa entre o final dos anos 60 e a década de 70, período que engloba duas fases marcantes da história de Portugal, a Guerra Colonial e o fim da ditadura do Estado Novo, com o subsequente Processo Revolucionário em Curso (PREC).

Este trabalho de 1972, que integra o conjunto de ilustrações da obra *Dinossauro Excelentíssimo* de José Cardoso Pires (Lisboa: Arcádia, 1972), exemplifica o teor crítico e irónico dos trabalhos que produziu sobre a realidade portuguesa durante a vida política de António de Oliveira Salazar e do regime do Estado Novo.

A composição centralizada, não muito comum no trabalho de Manta, é dominada pela representação da fotografia de um peso de balança antiga, que por força da ampliação e do jogo entre a figura e o fundo se destaca plenamente no desenho. Essa enorme forma, imperativa, aqui exibida com uma aparência muito similar à de um forte, pode ser identificada como imagem crítica do regime e da nação. Com ela o artista simboliza o peso da realidade opressiva, mas também a condição e o estado do exercício do poder, aqui associado à figura sinistra que se observa no interior daquela construção, pronta a discursar, mas solitária, encerrada e afastada da realidade, tornada prisioneira de si mesma, e que adquire contornos de uma silhueta de expressão maléfica, num teatro de sombras com fim anunciado. ■ **Sandra Vieira Jürgens**

“E fff-foguetes a assoprar...”

Esta ilustração de João Abel Manta, intitulada *E fff-foguetes a assoprar...*, integra também o conjunto de trabalhos realizados pelo autor para a obra *Dinossauro Excelentíssimo* de José Cardoso Pires. Acompanhando o estilo irónico da narrativa destinada a retratar a vida de António Salazar, nela Abel Manta ilustra o episódio que se segue ao período de formação universitária da figura principal do Estado Novo.

Inserida na segunda parte da obra, que tem o título “O Reino”, a ilustração retrata o início da vida política de Salazar, com a sua ida de Coimbra para a capital. Na composição pontuada por um céu com foguetes e efeitos festivos, vemos apenas um carro a afastar-se de um conjunto de pequenas figuras indiferenciadas, pacatas, seres de linhas estilizadas com traços infantilizados, que passivamente assistem e observam o afastamento do automóvel que conduz o académico à capital do governo.

Assim, depois do episódio que retrata a chegada do jovem e futuro “imperador” à Cidade dos Doutores, fase que assinala a mobilidade social do jovem Salazar, abre-se um novo capítulo dedicado à ascensão e realização das ambições políticas e ditatoriais daquele que se tornaria ministro das Finanças e depois presidente do Conselho de Ministros, construtor e figura principal do Estado Novo. ■

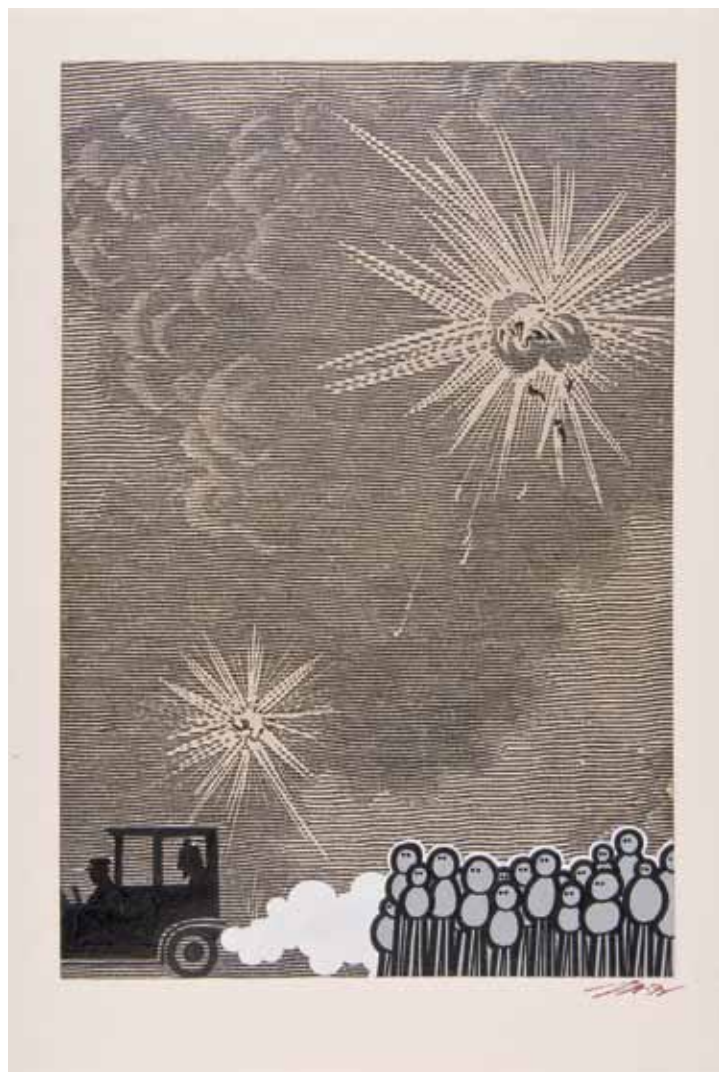
Sandra Vieira Jürgens

Estas duas obras podem ser vistas no CAM, no âmbito da exposição **Tensão e Liberdade**, até dia 26 de outubro.



“Prisioneiro!”

1972
Colagem, tinta da China e guache sobre papel
30,80 x 20,80cm
inv. 83DP1132



“E fff-foguetes a assoprar...”

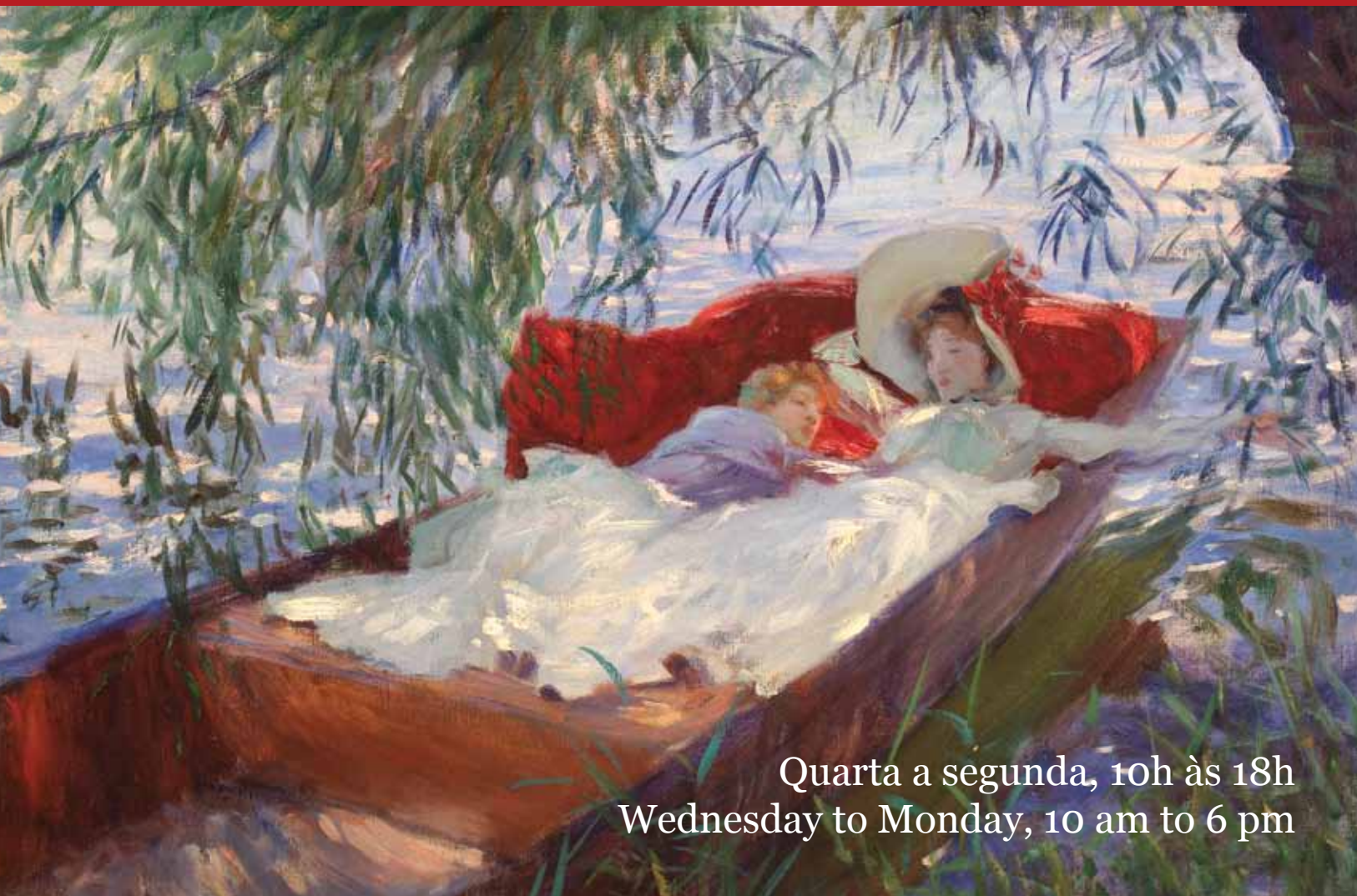
1972
Guache e tinta da China sobre papel
30,80 x 20,80 cm
inv. 83DP1134

Museus e exposições abertos à segunda

Our weekends
are longer

Museums now open on Mondays

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



Quarta a segunda, 10h às 18h
Wednesday to Monday, 10 am to 6 pm